



O SUBÚRBIO-JARDIM E A TRADIÇÃO DO PITORESCO PLANEADO: UMA PERSPECTIVA COMPARATIVA SOBRE DIVERSIDADE MORFOLÓGICA EM LONDRES, LISBOA E PORTO

Page | 46

João Cunha Borges^a, Teresa Marat-Mendes^b, Ivor Samuels^c

^a FCSH – Universidade Nova de Lisboa/ Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, Dinamia’CET - IUL, Lisboa, Portugal. E-mail: joao_cunha_borges@iscte-iul.pt

^b Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Arquitectura e Urbanismo, Dinamia’CET, Lisboa, Portugal. E-mail: teresa.marat-mendes@iscte-iul.pt

^c Architect and Town Planner; Former Chair Joint Centre for Urban Design, Oxford Brookes University, and former Research Fellow, Birmingham University, United Kingdom. E-mail: ivor.samuels@googlemail.com

RESUMO

1

É comum associar-se o Subúrbio-Jardim – senão mesmo a Cidade Jardim – com complexos habitacionais de casas unifamiliares com logradouros e/ou terraços de entrada, através dos quais todo o conjunto vai adquirir, pelo menos idealmente, um aspecto verdejante que faz da sua paisagem mais pastoral ou ruralizada, mesmo acomodando uma população numerosa e tendencialmente (sub)urbana. Pelo menos no que concerne o Subúrbio-Jardim, e apesar da diversidade de esquemas e tipos de edifícios que este paradigma de planeamento pode tomar e tem tomado, esta visão não seria inteiramente deslocada. Daí a falta de interesse que frequentemente a historiografia de arquitectura demonstra para com ele, associado como tem sido a estéticas tradicionalistas e à limitação do desenho de arquitectura.

Esta apresentação procura demonstrar alguns exemplos dessa mesma diversidade de desenho urbano e arquitectónico que têm sido usados em conjuntos habitacionais públicos e/ou dirigidos às classes trabalhadoras, com as características típicas do Subúrbio-Jardim. Para isso, a primeira parte irá focar-se em elementos históricos para compreender as raízes, o surgimento e a evolução da Cidade Jardim e do Subúrbio-Jardim como paradigmas de planeamento para as escalas da região e do assentamento, respectivamente. Na segunda parte, exemplos de Subúrbios-Jardim em Londres, no Porto e em Lisboa serão apresentados, através duma análise morfológica baseada na metodologia originalmente proposta por M.R.G. Conzen (1960) – os sistemas de ruas, quarteirões, lotes e edifícios – mas procurando atribuir um papel mais relevante aos espaços verdes, cuja importância é óbvia no âmbito do Subúrbio-Jardim.

Para dar conta desta diversidade morfológica – que também demonstra o potencial para a diversidade contido no paradigma original – a segunda parte da apresentação trará à discussão exemplos colhidos de dois contextos geográficos: primeiro Londres, cuja miséria oitocentista inspirou o movimento da Cidade jardim, e cuja malha metropolitana foi profundamente marcada pelo Subúrbio-Jardim.

O segundo contexto é o de Portugal, onde tanto a urbanização como a industrialização se arrastaram até meados do século XX, com o Subúrbio-Jardim a constituir o principal paradigma para a habitação pública pelo menos até à década de 1950. Dado que as cidades portuguesas são bastante mais pequenas e de expansão mais recente que as do Reino Unido, as duas regiões metropolitanas portuguesas serão aqui referidas, Lisboa e Porto. Ambas tiveram, na sua história



moderna, uma contínua crise habitacional, afectando principalmente as classes trabalhadoras e pobres. Este cenário de crise pode ter sido o principal incentivo para os projectistas e arquitectos terem adaptado o Subúrbio-Jardim a um modelo de habitação colectiva. Os exemplos portugueses incluem a região de Lisboa e do Porto.

O objectivo deste inquérito morfológico é, por um lado, ilustrar a diversidade de morfologias capazes de operar de acordo com os princípios do Subúrbio-Jardim e o seu potencial futuro; e por outro avaliar a evolução da tradição que começa com a ‘festa galante’ do pintura Rococó e o ‘Pitoresco Planeado’ e continua pelo movimento da Cidade Jardim, e que, no geral, contribuiu de forma assinalável para dar forma às modernas áreas urbanas com um ambiente particular, social e ecológico, cujo papel pode agora ser revisto face às preocupações com a sustentabilidade e biodiversidade urbanas.

2

No que concerne ao aspecto histórico, o Subúrbio-Jardim, conforme proposto por arquitectos e planeadores do século XX, define-se no seguimento da publicação do livro seminal de Ebenezer Howard, ‘To-morrow: a peaceful path to real reform’ (1898, reeditado 1902) e o seu equivalente de desenho urbano, ‘Town planning in practice’ (1909) do arquitecto Raymond Unwin.

No entanto, este modelo não era inteiramente novo, mesmo que propusesse uma nova abordagem ao projectar de complexos habitacionais citadinos. De facto, o historiador Spiro Kostof (1991) propôs que o Subúrbio-Jardim pertence a uma tradição mais vasta, a que chama o ‘Pitoresco Planeado’, com grupos de habitações construídos em esquemas orgânicos e irregulares, privilegiando ruas encurvadas ladeadas de pequenas casas e jardins, que tentavam reproduzir o ambiente de vilas medievais. Um modelo característico para os empreendimentos urbanos a partir do século XVIII, assinala, por um lado, a rejeição do planeamento urbano geométrico e racional herdado do Renascimento (e até dos assentamentos pagãos na Grécia e no Império Romano), e por outro, a emergência de uma nova sensibilidade estética, orientada revivalismo gótico que marcava profundamente o espírito do romantismo, com a sua complexa visão da natureza e da tradição histórica, e as suas complicadas ambiguidades de gosto, influenciadas pela fluidez das classes sociais no século XVIII, especialmente no Reino Unido.

A sensibilidade subjacente a esta tradição, que parece justificar parte do seu sucesso como paradigma de planeamento, pode ser rastreada até mais atrás. As primeiras décadas do século XVIII, que do Iluminismo vão culminar na onda revolucionária de 1794, assistiram à emergência da pintura Rococó, caracterizada pelo mise-en-scène idealista de encontros sociais das classes altas em ambientes de floresta ou campo, no género conhecido como ‘festa galante’. Este tipo de pintura expressa, pela primeira vez, a ambição de criar um ambiente onde a natureza e a sociedade eram totalmente integradas, sem conflito nem contradição.

O ‘Pitoresco Planeado’, com os seus luxuosos conjuntos de villas com jardins ornamentais e arvoredo denso, pode ser visto como herdeiro das ‘festas galantes’, incluindo na sua ambivalência perante a natureza e no seu sentimento anti-urbano. No entanto, à medida que a agilidade do desenho urbano se foi aprimorando, urbanizações com estas características ganharam um carácter mais cosmopolita, em empreendimentos como Bedford Park, cujas casas, desenhadas no profuso mas contido revivalismo Queen Anne Vitoriano, com jardins cuidadosamente tratados, assinalam a conversão do ‘Pitoresco Planeado’ como um modelo viável e até desejável para a habitação das classes médias urbanas.

Quando Ebenezer Howard publicou a sua proposta para o que chamou então o ‘íman cidade-campo’, normalmente conhecido como Cidade Jardim, já galvanizava uma longa tradição vinda



tanto da história da arte como da do urbanismo planeado. No entanto, a Cidade Jardim ultrapassou o enviesamento de classe a o carácter anti-urbano simplista dos seus predecessores, e reinventou a sua ideia subjacente, convertendo-a num modelo espacial algo radical, à escala da região, e comportando uma rede de pequenas e médias vilas e uma extensão rural de florestas, agricultura e pastoreio. Este esquema territorial altamente ambicioso era, ou pelo menos Howard esperava que fosse, sustentado através dum esquema de propriedade fundiária e de usos de solo pensado para a sustentabilidade e autonomia da Cidade Jardim. Se esta ambição acabou por ser traída, o modelo de desenho urbano proposto por Unwin para o Subúrbio-Jardim – que abdicava da cintura rural e se tornava predominantemente habitacional – tornou-se um modelo incrivelmente bem-sucedido, modernizando as raízes do ‘Pitoresco Planeado’ e criando espaços confortáveis e dignos para a burguesia urbana, melhorada em relação aos desenvolvimentos especulativos Vitorianos, e que em breve também se tornaria modelo viável para as classes trabalhadoras.

Hampstead Garden Suburb, um dos mais importantes planos de Unwin e de Barry Parker, aperfeiçoou o modelo urbano e introduziu as práticas do movimento Arts & Crafts no desenho de arquitectura. Em breve, sob planeamento do London County Council (LCC), o Subúrbio-Jardim e a arquitectura Arts & Crafts tornaram-se referências-chave para a nova habitação pública, assegurando uma parte da expansão dos vários sectores de Londres no século XX.

3

O sucesso do Subúrbio-Jardim – e a sua sugestão de uma Cidade Jardim mais vasta – não ficou limitada ao Reino Unido, e ganhou reconhecimento internacional, sendo utilizada em habitações privadas, públicas, filantrópicas e assistenciais, desde países atrasados da Europa do sul às nações mais desenvolvidas e industrializadas, aos subúrbios das cidades Soviéticas após a Revolução de Outubro de 1917.

No caso concreto da Grã-Bretanha, a acção voluntariosa do London County Council (LCC), formado em 1889, na provisão de habitação social foi fundamental para assertar o Subúrbio-Jardim como modelo habitacional para as classes trabalhadoras londrinas, primeiro, estendendo-se esta influência rapidamente para outras cidades. Apesar dos primeiros empreendimentos do LCC utilizarem o modelo do prédio de apartamentos, a partir da urbanização de Totterdown Fields em Tooting, terminada antes da Primeira Guerra Mundial, os loteamentos de moradias com terraço e logradouro, desenhadas em estilo Arts & Crafts – uma mediação do Vitorianismo tardio com um léxico já modernizado – tornam-se regra, e vão até conquistando uma grande sofisticação no desenho urbano e de arquitectura. Já no primeiro pós-Guerra, o programa ‘Homes fit for Heroes’ irá também utilizar este modelo urbano e, embora simplifique a arquitectura para ir ao encontro duma estética mais contida neo-Georgiana, ganha por vezes grande ambição de escala. Exemplo disso mesmo é a extensa urbanização de Becontree, destinada aos operários da fábrica da Ford em Dagenham, uma área distante do leste londrino. Pouco depois, começam a surgir bairros em que a estrutura de loteamento é trocada pelo modelo de blocos habitacionais com acesso em galeria, definindo conjuntos de jardins internos colectivos. Um dos maiores empreendimentos lançados neste contexto será o conjunto de White City em Hammersmith. A partir dos anos da Segunda Guerra Mundial, tanto o LCC como os Metropolitan Boroughs de Londres começam a experimentar cada vez mais com outros paradigmas urbanos e arquitectónicos, perdendo o Subúrbio-Jardim parte do seu apelo, ou tornando-se sinónimo com uma abordagem mais tradicionalista ou até conservadora.

Em Portugal, o ‘roteiro’ do Subúrbio-Jardim tem contornos bastante diferentes, tanto físicos como políticos. As primeiras tentativas de habitação para as classes trabalhadoras acontecem na cidade do Porto, e são promovidas ora pela Câmara Municipal, ora pelo jornal ‘O Comércio do Porto’, e tomam a forma de ‘colónias operárias’, pequenas unidades de pequenas moradias com pequenos



logradouros. Em Lisboa, os bairros do Arco do Cego e da Boa Hora, pelo contrário, utilizam como elemento morfológico básico o pequeno prédio de apartamentos. Será apenas a partir de 1933 que a política de habitação pública começará a tomar uma forma mais sólida, com a legislação criada para Casas Económicas, destinadas à classe-média, e mais tarde para Casas para Famílias Pobres. Estas políticas serão lançadas e implementadas por um regime ditatorial bonapartista e conservador, que promoverá a unidade familiar e a propriedade privada como forças-matriz do habitat português. Assim, até meados da década de 1940, o Subúrbio-Jardim, isto é, o bairro de moradias com logradouro, de escala pouco ambiciosa e localizado na periferia urbana, não vai ter rivais em termos de paradigma de construção de habitação pública. Será apenas a partir de 1945, com o emblemático Plano de Urbanização da Zona Sul da Avenida Alferes Malheiro, mais conhecido como Plano de Alvalade, assinado por João Guilherme Faria da Costa, que este modelo começará a comportar prédios de baixa densidade, raramente ultrapassando os quatro pisos. Este modelo passa a existir, ombro-a-ombro com o clássico bairro de moradias, garantindo uma otimização do solo.

Mas ao contrário do que sucede com o LCC e com os Metropolitan Boroughs de Londres, em Portugal, o sector público só promoverá formas urbanas mais modernas e de maior densidade a partir do final da década de 1950, e com grande limitação territorial. De facto, a lei de 1959 que permite o desenvolvimento dum grande conjunto de habitação social irá aplicar-se apenas a Lisboa, e só na década seguinte essa possibilidade é estendida ao resto do país, através da criação do Fundo Fomento à Habitação (FFH). Explica isto que, mesmo durante o período revolucionário (1974-75) que põe termo à ditadura, o modelo de Subúrbio-Jardim continue a ser utilizado em vários empreendimentos de carácter público.

4

Embora a história do Subúrbio-Jardim tenha uma história bastante mais longa do que aquela que aqui se apresentará, no que concerne a sua aplicação em bairros públicos ou operários nas três cidades em estudo, a sua era dourada é de facto a primeira metade do século XX, com um pouco mais de durabilidade no Portugal conservador pré-revolucionário. Pressões demográficas e decadência urbana, por um lado, e a evolução da própria cultura arquitectónica, por outro, contribuíram para que, com o passar das décadas, este modelo fosse sendo secundarizado pelos promotores de habitação acessível.

No entanto, antes de celebrarmos o ultrapassar de um paradigma urbano supostamente restritivo, devemos debruçar-nos sobre as suas reiteraões e questionar também as oportunidades que nos oferecem.

Apesar das características-chave da morfologia urbana serem semelhantes em todos estes empreendimentos, alguma variação começaria eventualmente a surgir, em parte devido às condições particulares de cada cidade e cada nova urbanização. Acabariam por surgir novas formas de desenhar um Subúrbio-Jardim, já não identificadas directamente com os antigos precedentes do ‘Pitoresco Planeado’, mas procurando influências de outras fontes, incluindo das ‘Siedlungen’ modernas da Alemanha e das habitações colectivas da classe operária urbana construídas desde o século XIX nas regiões industrializadas.

Com a sua articulação essencial entre espaço residencial e espaço verde, o Subúrbio-Jardim oferece-nos uma visão mais profunda e mais complexa do habitat do que normalmente se pensa, e nele cabem, na actualidade, muitas das preocupações mais prementes com a neutralidade carbónica, a biodiversidade e a paisagem cuidada e de qualidade, quando não a própria produção alimentar. Nesse sentido, importa rever as possibilidades morfológicas deste paradigma, e



apresentar delas uma visão crítica, não direccionada para a história ou o passado, mas para o futuro e a sustentabilidade.

Palavras-chave: *Cidade Jardim; Subúrbio-Jardim; Pitoresco Planeado; história da arte; sustentabilidade urbana.*